



NÃO PINTCHA

ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISS

Presidente Luiz Cabral regressou da Europa Relançar a cooperação internacional para a nova etapa do nosso desenvolvimento

O Presidente do Conselho do Estado Luiz Cabral regressou a Bissau na tarde da passada quinta-feira após uma viagem de 16 dias, pela Europa e África. O camarada Presidente classificou esta sua longa viagem de «muito positivo».

O camarada Luiz Cabral, que tinha partido de Bissau no dia 13 de Março para uma visita oficial à sede de Comunidade Económica Europeia em Bruxelas, aproveitou esta oportunidade para igualmente fazer visitas privadas e de trabalho, sucessivamente à Bélgica, de 16 a 17, à Holanda de 18 a 19, à Noruega de 20 a 21, à Suécia de 22 a 24, à França de 25 a 26 e à Argélia de 27 a 29.

O Chefe de Estado guineense disse, à chegada a nossa capital, que a sua viagem tivera dois objectivos: primeiro, fazer o balanço da cooperação com todos esses países, e segundo, a de exprimir o reconhecimento da Guiné-Bissau aos governos desses países amigos pela ajuda que têm dado ao nosso povo, e de aprofundar a cooperação em novos moldes, com vista à nova etapa do nosso desenvolvimento.

«Nos países onde estivemos — disse Luiz Cabral — encontramos uma grande simpatia pela nossa terra e pelo nosso trabalho. Isso comprova o nosso prestígio no plano internacional». E prosseguiu: «estes contactos directos que tivemos com os dirigentes destes países irão consolidar e aprofundar as nossas relações de cooperação e trará novas

perspectivas para o nosso plano de desenvolvimento».

Na sede do Euromercado, o Presidente Luiz Cabral e a sua comitiva, constituída pelos camaradas Vasco Cabral do CEL do Partido e Comissário de Estado da Coordenação Económica e Plano, e Inácio Semedo, director-geral da Cooperação Internacional, tiveram reuniões de trabalho com o presidente do Mercado Comum, Roy Jenkins e com o comissário para a Cooperação e o Desenvolvimento, Claude Cheysson.

Os dirigentes da CEE mostraram «grande espírito de compreensão pela nossa política de não-alinhamento». Numa dessas reuniões, a nossa delegação foi informada de uma ajuda adicional dada pela Comunidade ao nosso país no valor de um milhão de dólares (cerca de 33

mil contos), que será empregue no sector dos transportes.

Para além das reuniões com os responsáveis da CEE, o camarada Presidente Luiz Cabral trabalhou com os embaixadores do Togo e da Argélia, respectivamente presidente e secretário-geral do Comité da Organização da Unidade Africana no seio da

organização dos povos de África, Caraíbas e Pacífico-ACP. Luiz Cabral foi informado nessa reunião do desenrolar das negociações para a renovação da Convenção do Lomé, bem como as posições assumidas pelos países membros da OUA.

No fim da visita do Presi-

dente Luiz Cabral à CEE, foi assinado um comunicado conjunto que sintetiza os dias de estadia do Presidente guineense à sede da CEE e os pontos de vista das duas partes sobre a situação internacional.

Durante as suas visitas aos países membros da CEE,

(Continua na página 8)



O camarada Luiz Cabral com o presidente da CEE, Roy Jenkins, e o comissário Cheysson

Conselho dos Comissários

O Conselho dos Comissários de Estado, na sua reunião de ontem, centrou as suas deliberações sobre os problemas levantados pela Secretaria de Estado das Pescas, relativos essencialmente a um reajustamento dos preços do pescado. Oportunamente voltaremos a abordar o assunto.

Na mesma reunião foi igualmente aprovado o decreto que cria a Empresa Nacional Avícola-ENAVI que fica sob a tutela do Comissariado de Estado do Desenvolvimento Rural. A ENAVI goza de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira tendo por actividades a produção de frangos, de carne, de galinhas poedeiras e de ovos, bem como outras espécies avícolas e a confecção de concentrados para consumo próprio. A empresa terá a sua sede em Bissau.

Epidemia de Sarampo em Bissau - CESAS desencadeia medidas de prevenção

Trinta e cinco crianças raleceram, em Bissau, vítimas de sarampo, informa um co-

Comissário Principal visitou Dakar

O camarada João Bernardo Vieira, membro da Comissão Permanente do CEL e Comissário Principal, efectuou na terça-feira passada uma visita relâmpago a Dakar. Fontes oficiais em Bissau atribuíram à visita um carácter privado, tendo deste modo sido de mera cortesia um encontro que o camarada João Bernardo Vieira teve com o seu homólogo senegalês Abdu Diouf.

O camarada Comissário Principal regressou a nossa capital no fim da tarde do mes-

municado do Comissariado de Saúde e Assuntos Sociais. Deste número, registado até 22 de Março apenas 11 foram hospitalizados, no Hospital Simão Mendes sendo os restantes casos detectados nos bairros periféricos onde existem centros de saúde. Segundo o mesmo comunicado, dos 162 casos de sarampo apresentados ao hospital, 67 foram hospitalizados, em estado grave, verificando-se os falecimentos nas primeiras 48 horas após o internamento.

O CESAS, que se refere no seu comunicado a casos de grupos de mulheres que se manifestam nas ruas dos bairros contra o «vento» da epidemia ou que frequentam os poílões e outros sítios considerados sagrados pela tradição, decretou medidas com vista a fazer face à situação e impedir o alastramento da epidemia. Uma campanha de vacinação massiva de crianças com idade inferior a quatro anos, funcionando para

sanitária e a da hospitalização, permitirá superar, pelo menos em parte, a crise, evitando assim o seu alargamento às outras regiões do país, onde ainda não se registaram casos de sarampo. Aquele comissariado pensa também evitar, em colaboração com as empresas de transporte, a deslocação de crianças com menos de sete anos às outras regiões, para evitar a propagação da epidemia.

«O sarampo é uma doença provocada por um vírus que se transmite directamente, e com extrema facilidade, entre crianças. Conhecida do público, esta doença pode ser diagnosticada pelas mães quando, ao fim de três a quatro dias de febre alta, aparecem manchas («pruchichido») na pele, a partir da cara, estendendo-se progressivamente a todo o corpo em três a quatro dias. Duma maneira geral, no fim da extensão das

“Os extensionistas rurais são hoje combatentes contra o subdesenvolvimento”

- José Araújo em Bachile

«Hoje, quando vemos experiências deste género, lembramo-nos um pouco do início da nossa luta armada, em que tivemos também «extensionistas» formados por Cabral e lançados pouco depois para transmitir nas tabancas o grito de guerra pela libertação. Considero estes novos exten-

sionistas agrícolas como combatentes da segunda etapa da nossa luta, contra o subdesenvolvimento, pois também estão a fazer mobilização no campo», — afirmou o camarada José Araújo, Secretário Executivo do C.E.L., ao encerrar o segundo curso de extensionistas rurais do Centro de For-

mação de Bachile (região de Cacheu), na sexta-feira passada. A cerimónia foi honrada também com a presença dos camaradas José Pereira Mário Cabral, Mário Andrade, Avito da Silva Manuel Boal, Isabel Buscardini e vários responsáveis do Partido e Estado na região. Todos os convidados assinaram, no final da cerimónia, o livro de honra do Centro.

O encerramento, que o camarada Mário Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural, considerou uma festa, não só dos novos 18 extensionistas (15 raparigas e três rapazes), mas também dos outros dez já formados no ano passado.

Adiada a reunião da Comissão Permanente

A reunião da Comissão Permanente do CEL do Partido, prevista para 2 do corrente, foi adiada para uma data a marcar informou o camarada

Executivo do CEL, à partida para a República irmã de Cabo Verde, onde vai assistir a uma reunião.

Bafatá sem água há 12 dias

Há 12 dias que a cidade de Bafatá se encontra privada de água canalizada, devido a uma avaria no motor da bomba que alimenta toda a cidade. Segundo informações obtidas junto da sede da Secretaria da região, o motor está a ser reparado mas só a partir da próxima semana é que poderá haver água naquela cidade.

Já esteve em Bafatá uma equipa do Comissariado de Estado dos Re-

ursos Naturais, que conseguiu reparar a avaria eléctrica. No entanto, a parte mecânica, que está a cargo dos trabalhadores dos Recursos Naturais instalados na região, levará mais alguns dias a reparar.

Perante essa situação, a população de Bafatá — ou melhor aqueles que têm água canalizada em casa — têm corrido às nascentes e poços.

Na casa da Cultura

Exposição fotográfica sobre o índio brasileiro

«Xingu» é o nome genérico da exposição de 20 fotografias sobre os Índios do Brasil, inaugurada na passada segunda-feira, dia 2, na Casa da Cultura, pelo Camarada Mário de Andrade, comissário de Estado da Informação e Cultura.

As fotografias, de Maureen Bisilliat, focam as tradições de diversas tribos índias, hoje confinadas na reserva do Xingu. Aqui estão agrupados 140 grupos de índios com um total de 180 mil elementos. O problema

do Índio brasileiro, nomeadamente a sua lenta extinção, através do sistemático e forçado desenraizamento do seu meio cultural, é focado em pequenos recortes da Imprensa brasileira ali expostos, bem como pelo texto de abertura, da autoria dos irmãos Villas-Boas, Orlando e Claudio, peritos em questões índias.

Os clamores levantados em torno da causa Índia tornam-se tanto mais agudos quando considerarmos a aproximação de 19 de Abril, celebrado no Brasil, como dia de solidariedade para com o Índio.

São vinte fotografias, gentilmente cedidas pela cama-

rada Dulce Maria, brasileira há quatro anos residente no nosso país, que nos mostram em cores vivas as tatuagens os colares as cerimónias de luta, etc. Como dizia certa passagem do texto de abertura: o Índio é parte integrante da Natureza, formando perfeita harmonia entre ele e o meio ambiente onde vivia.

A cerimónia de inauguração da exposição contou também com a presença da camarada Ana Maria Cabral, directora do Departamento da Difusão do Livro e do Disco e Amélia Araújo, da Comissão Feminina do PAIGC.

Terminou o encontro de cervejeiros

As delegações de Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Portugal, participantes no Encontro de Cervejeiros realizado em Bissau, regressaram aos seus países na quinta-feira passada. A delegação de Angola, que não chegou a tempo de assistir aos trabalhos da reunião por ter ficado retida no Sal (Cabo Verde) devido a uma avaria no avião da TAP, regressou também, passando por Portugal. Na capital portuguesa essa delegação terá a oportunidade, segundo informações do director técnico, Fausto Faustino, de assistir a uma reunião a promover pelas empresas cervejeiras locais, a fim de tomarem o conhecimento da forma como decorreu o encontro em Bissau.

Durante a reunião, cujo encerramento viria a ser presidido pelo Comissário do Comércio, Indústria e Artesanato, camarada Armando Ramos, foram discutidos problemas ligados fundamentalmente à energia e a subprodutos da indústria de cervejas. Fez-se também um trabalho sobre o planeamento microbiológico e métodos analíticos na conservação e manutenção de equipamentos.

Os representantes da empresa guineense Cicer, apresentaram ao encontro um trabalho comum sobre os subprodutos, com vista ao seu aproveitamento na alimentação de animais.

Portugal esteve representado por 29 elementos das duas grandes empresas estatais de cervejas — Sociedade Central de Cervejas e Unicer, e ainda por dois observadores não ligados aquelas empresas.

Ano de Solidariedade com Bolama

Imprensa Nacional edita um livro de adivinhas

O livro de adivinhas «Nstali Nstala», em crioulo, encontra-se à venda na Casa da Cultura desde o dia 2 de corrente. O livro, inteiramente produzido em Bolama, é uma das primeiras realizações do Ano de Solidariedade para o Desenvolvimento da Região de Bolama-Bijagós, cujo programa se propõe arrancar definitivamente esta região do isolamento.

Os projectos do Ano de Solidariedade atingem praticamente todos os sectores da vida da região e são entusiasticamente assumidos no dia-a-dia por toda a população.

Bolama, os seus habitantes e a sua cultura popular são o tema deste livro, que é o primeiro exemplo do trabalho de recolha de literatura oral que está a decorrer na ilha, e em que participam o Comité de Estado, a Comis-

são Feminina, a Escola Piloto, a Casa de Costura Nhima Sanhá e a Cooperativa Domingos Badinca dos trabalhadores da Imprensa. «Nstali Nstala» inicia igualmente as comemorações do 1 Centenário da Imprensa de Bolama.

O livro tem a particularidade de ter sido integralmente produzido em Bolama. Tal como outras edições que se prevêm no programa do Ano de Solidariedade com Bolama e das comemorações do 1 Centenário da Imprensa, começou numa tabanca e acabou na Imprensa que, ao fim de 100 anos se mantém activa e é uma das unidades industriais mais antiga do nosso país.

O próprio nome do livro corresponde a uma das adivinhas populares que nele aparecem, e que se apresentam sob a forma de um jogo infantil de procura e desco-

berta. o conjunto constitui uma rica amostra do engenho e beleza que caracterizam a nossa cultura oral, tradição que, apesar da erosão que sofreu no período colonial, sobretudo nos centros urbanos, se mantém viva e se desenvolve sem cessar, ao circular diariamente de boca em boca no interior das tabancas.

Esta iniciativa, além de representar mais um passo no caminho da recuperação e valorização do nosso património cultural, atesta, por outro lado, o interesse e o entusiasmo com que os habitantes da região participam nas actividades do Ano de Solidariedade.

Nas ruas recém-reconstruídas de Bolama, é vulgar ouvir-se: «pa speranza qui não tene na nô Bolama, quila ca ta bedjo».

Guiné-Bissau adquire património da ex-Guiné mar

Esteve alguns dias na nossa capital uma missão da Companhia Nacional de Navegação, de Lisboa, dirigida por Pereira Bernardo, economista e gestor financeiro, e em que se integrava José Artur Leitão, especialista em avarias e reclamações, que manteve conversações com a Empresa Nacional de Agências e Transportes Marítimos, «Guinemar», sobre a transferência do património da ex-Guinemar Lda, nacionalizada pelo nosso Governo em 4 de Novembro de 1976.

Após longa troca de impressões, marcada por um elevado espírito de compreensão, as duas partes concordaram que, em vez das 5.589.012.400 pesetas propostas inicialmente pela CNN, a transferência do património da ex-Guinemar para a actual Empresa, seria feita mediante o pagamento da importância de 892.061,98 PG, soma que será creditada pela Guinemar na conta da CNN, para ser utilizada em posteriores contas de escala emergentes do agenciamento dos seus navios.

Responde o povo

O povo Saharaoui recorre à guerra para forjar a paz

Os povos do continente africano há muito que lutam para sacudirem a sujeição e a dominação estrangeiras. Esta luta está tendo um grande sucesso, mas, no entanto, existem Estados africanos que, defendendo os interesses imperialistas, agridem os seus vizinhos, tentando dominar territórios que não estão dentro das suas legítimas fronteiras.

O povo saharauí trava neste momento uma dura e difícil luta contra a anexação do seu país, tendo como vanguarda revolucionária a Frente Polisário que comemorou no passado dia 27 de Fevereiro o seu 5.º aniversário. A República Árabe Saharaoui Democrática foi proclamada há três anos — 17 de Fevereiro de 1976 — pelo povo com as armas na mão. O nosso povo, que apoia esta luta e condena as agressões feitas por Marrocos e pela Mauritânia, levantou-se num grito de solidariedade com a causa do povo do Sahara Ocidental com várias manifestações que culminaram no passado dia 27. Sobre esta luta o «Responde o Povo» abordou três populares que responderam:

OS PROGRESSISTAS VIGILANTES PORQUE...

Joaquim Silva Tavares, 19 anos, professor — O povo saharauí, como todos os povos, também tem direito à liberdade. Por esse motivo faz a luta de libertação. Esta luta

deve ter o apoio de todos os regimes que querem o progresso e liberdade da nossa África. Dentro deste contexto, como não devia deixar de ser, o nosso povo apoia a justa causa dos saharauís e, isto compreende-se, por-

que acabamos de fazer uma luta que teve apoios de vários países que contribuiu grandemente para a nossa vitória contra o inimigo. Além disso, o nosso apoio a esta luta contra a agressão é para a libertação de um povo e ao mesmo tempo, serve para encorajá-lo e demonstrar que estamos ao lado dos que sofrem.

Todos os progressistas têm que ser solidários para com esta luta porque os imperialistas, que jogam a sua cartada nesta agressão, também têm a sua forma de solidariedade. Por exemplo, vemos o Marrocos, que luta contra os direitos do povo saharauí, a ter apoio de governos imperialista que lhe fornecem materiais bélicos.

Portanto, estou convicto de que a esperança de todos os habitantes do nosso país é ver o povo

saharaoui festejar a vitória no seu país totalmente livre.

PAÍSES MANOBRADOS COMO PONTA DE LANÇA

Serifo Mané, músico — A luta do povo saharauí é justa, porque todo o povo tem o direito de ser senhor do seu próprio destino. Esta luta é motivada pela agressão e invasão que alguns países africanos perpetuam na Sahara Democrática, com o pretexto de que este é parte integrante dos seus territórios. Mas, se nos debruçarmos sobre o problema, veremos que a razão principal é a de quererem apanhar as riquezas dos saharauís. Esses países são manobrados pelo imperialismo, como ponta de lança para conseguir os seus intentos. Pelo perigo que isto constitui e pelo sofrimen-

to de um povo, todos os países do mundo, em particular os de África, devem dar o seu apoio ao povo saharauí em todos os domínios, inclusive denunciando abertamente as manobras dos imperialistas e dos seus agentes africanos.

UMA ESTÚPIDA AGRESSÃO IMPERIALISTA

Bubacar Turé, 20 anos, estudante — A luta do povo do Sahara Ocidental é devido a uma das mais estúpidas agressões que o imperialismo faz contra um povo pacífico. Escondendo-se atrás de duas capas — Marrocos e a Mauritânia — mais uma vez, ele procura acumular o seu capital, desta vez, procurando ter em seu poder uma das mais ricas minas de fosfatos do mundo.

Para falar desta luta é

preciso desdobrar as causas que levaram estes países a agredirem escandalosamente a República Árabe Saharaoui Democrática. Para esse desdobramento seria preciso um grande espaço no nosso jornal para uma análise aprofundada, mas a essência é a manobra imperialista, utilizando Marrocos como «firquilha», e a Mauritânia que participa com o pretexto de que é aliada daquela. No entanto, actualmente está indecisa e todo o mundo está à espera de ver se, desta vez, não sai asneira da sua decisão.

Todas as forças conscientes devem apoiar a justa luta do povo saharauí, ajudando-o nos diversos domínios, num apoio prático e válido para que este povo consiga implantar a paz no seu país ameaçado pelo imperialismo.

Seminário de língua crioula

O seminário sobre a língua crioula, que terá início no dia 8 do corrente mês, tem já o financiamento assegurado por parte da UNESCO.

Esta agência especializada da ONU colaborou já com o nosso país, em 1975, no financiamento de um estágio de reciclagem para mais de 100 professores do ensino primário e secundário e de um Projecto de Formação e Aperfeiçoamento de Professores do Ensino Primário. Esta formação continua ainda e tem-se desenvolvido de forma intensa, como autêntico

viveiro dos docentes do ensino primário.

A visita do Director-Geral da UNESCO a Cabo Verde, que decorre neste momento, deverá contribuir para a tomada de importantes decisões e conduzir à assinatura de compromissos por parte da organização internacional. É de facto, intenção do Ministério da Educação e Cultura apresentar à UNESCO a proposta da continuação do financiamento do Curso.

Pretende-se ainda estabelecer um projecto de financiamento de ma-

terial de laboratório, equipamento de salas de aula e de salas especiais, material audio-visual e diversos outros materiais para a Escola Nacional de Formação de Professores, em Santa Catarina, que deverá entrar em funcionamento no ano lectivo de 1979/80.

Também o auxílio da UNESCO deverá ter importância fulcral na criação de uma Secção de Estatística, devidamente equipada com material e pessoal especializado, no Gabinete de Estudos e de Planificação do Ministério da Educação e Cul-

tura, que pretende ligar a agência da ONU ao Cursos Gerais de Dinâmica das Populações, de Estatística e de Produção de Materiais Didácticos Adaptados ao Meio, a leccionar nas escolas do Magistério Primário, conseguir o seu contributo para a edição de manuais escolares e para a criação do Instituto Nacional da Cultura, cujos grandes objectivos são a investigação sobre o Património Cultural, principalmente no domínio da tradição oral, a formação de quadros e de animadores culturais e a difusão da cultura nacional.

À vista a solução do "caso ultra"

Aproxima-se a solução do caso da Empresa de Conservas ULTRA, SARL, sociedade de capitais portugueses intervencionada e colocada sob tutela do Estado ainda pelo Governo de Transição, no início de 1975.

O património activo e o passivo da ULTRA serão definidos por uma Comissão de Avaliação recentemente criada, na sequência da reunião na Praia da Comissão Mista Paritária das autoridades caboverdianas e de um representante dos accionistas, um técnico económico-financeiro, e delegados do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Gabinete Coordenador para a Cooperação de Portugal.

O trabalho da Comissão de Avaliação, que deverá estar constituída dentro de um mês e apresentar os resultados do inquérito até três meses, tem por objectivo a liquidação da ULTRA.

O grande passivo da empresa — nomeadamente cerca de 12 mil contos de dívidas à Caixa de Crédito e 8 mil contos de material adquirido pa-

ra as safras de 77/78 e 78/79 — deverá anular as indemnizações aos accionistas portugueses.

A ULTRA foi constituída com um capital inicial de mil contos, e labora normalmente com cerca de 50 trabalhadores, empregando, por altura da safra piscatória, um máximo de 200 pessoas nas duas fábricas, na Praia e na ilha de Boa Vista, e nos seis barcos de pesca privados.

Injecções financeiras constantes e dotações de diversa maquinaria e meios técnicos de pesca por parte do Governo permitiram manter a ULTRA em laboração, sobretudo por razões de ordem social — conforme declarou ao jornal «Voz do Povo» o director nacional Humberto de Bettencourt.

O equipamento obsoleto, a maquinaria antiquada e o mau estado das instalações na cidade da Praia não asseguram à ULTRA um futuro promissor nem a integração na rede nacional da conservação de peixe de Cabo Verde. A fábrica da Praia poderá terminar a laboração e os seus barcos se-

rem integrados na SCA-PA, que em Santiago orientará o pescado para as futuras câmaras de frio, inicialmente previstas para 600 toneladas, a construir junto ao cais de longo curso do porto da Praia. As câmaras da Praia serão integradas na futura grande rede nacional de frio, com maiores

câmaras em S. Vicente, donde o peixe partirá em grandes transportadores frigoríficos transatlânticos.

As autoridades do sector frisaram que todos os postos de trabalho das pessoas actualmente empregada na ULTRA estão, evidentemente, assegurados.

Reunião da Comissão Feminina

Informação sobre os trabalhos preparatórios da próxima Assembleia das mulheres e o trabalho nas regiões foram os principais temas tratados numa reunião da Comissão Feminina realizada na passada segunda-feira, na sede do Partido, sob a presidência da camarada Carmen Pereira, membro do CEL do Partido e coordenadora da Comissão Feminina do PAIGC.

Na referida reunião participaram os responsáveis daquela Comissão ao nível nacional e dos locais de trabalho.

Por outro lado, a fim de discutir com os responsáveis regionais os documentos para a próxima assembleia das mulheres, deslocaram-se no mesmo dia, para as oito regiões do país, várias responsáveis da Comissão Feminina.

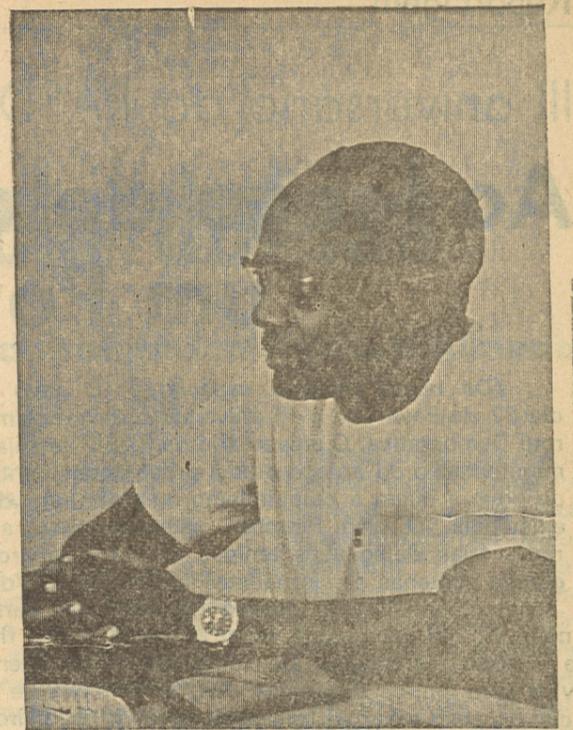
Dádiva da Cruz Vermelha da URSS as crianças

O Comité Executivo da união das associações soviéticas da Cruz Vermelha decidiu enviar para a República irmã de Cabo-Verde uma encomenda com produtos alimentares para a população deste país, vítima de prolongada seca. Num futuro próximo, aviões da «Aeroflot» transportarão estas cargas de Moscovo para a ilha de Sal. As encomendas da Cruz Vermelha contém produtos alimentares para crianças de tenra idade, leite em pó e leite condensado.

As relações de amizade entre as associações humanitárias da União Soviética e dos países da

África desenvolvem-se e fortalecem-se continuamente. Um exemplo é a cooperação da associação da Cruz Vermelha da URSS com a sua congénere de Cabo-Verde. De salientar que, desde a independência, a Cruz Vermelha soviética vem ajudando a República irmã, para onde já enviou medicamentos, material curativo, instrumentos cirúrgicos e equipamentos hospitalar.

Presentemente, cerca de trinta e cinco mil crianças beneficiam dos cuidados da Cruz Vermelha de Cabo-Verde, que criou vários jardins de infância.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

4-As relações Internacionais

UNIDADE AFRICANA

(...) Somos, em África, a favor de uma política africana que procure defender em primeiro lugar os interesses dos povos africanos, de cada país africano, mas a favor também de uma política que não esqueça em momento algum os interesses do mundo, de toda a humanidade. Somos a favor de uma política de paz em África e de colaboração fraternal com todos os povos do mundo.

No plano internacional, defendemos na CONCP uma política de não-alinhamento. É esta a política que melhor convém aos interesses dos nossos povos na etapa actual da nossa história. Mas, para nós, não-alinhamento não quer dizer voltar as costas aos problemas fundamentais da humanidade, à justiça. Não-Alinhamento, para nós, é não nos comprometermos com blocos, não alinharmos nas decisões dos outros.

Nós, reservamo-nos o direito de decidir nós mesmos e se por acaso, as nossas opções, as nossas decisões coincidem com as dos outros, a culpa não é nossa.

QUE SENTIDO TEM PARA NÓS O FALAR-SE DE «REVOLUÇÃO AFRICANA»?

«Se queremos neutralizar a acção retardadora levada a cabo pelos nossos inimigos e os seus lacaios, devemos reforçar os meios de acção e a vigilância da revolução africana. Sejamos mais precisos: para nós, revolução africana quer dizer transformação da vida económica actual no sentido do progresso. Isso exige a prévia liquidação da dominação económica estrangeira, da qual depende qualquer outra espécie de dominação. A nossa vigilância significa: selecção rigorosa dos amigos, cuidado e luta permanente contra os inimigos (externos e internos), neutralização ou liquidação de todos os factores contrários ao progresso.

Como sabemos, o colonialismo e o imperialismo agem no quadro de uma estratégia global a que correspondem tácticas diversas, conforme as circunstâncias, o estado de evolução das forças nacionais de revolução e os seus progressos e recuos. Portanto, é indispensável conhecer a natureza desta estratégia — o seu conteúdo e a sua forma, para melhor nos opormos a ela e para nos prepararmos para enfrentar o inimigo e levar a luta até o fim, com sucesso.

Trocas comerciais entre Cabo Verde e Níger

PRAIA, 22 — Cabo Verde e o Níger vão proceder proximamente a trocas comerciais, sobre-se na cidade da Praia, após as negociações entre uma delegação comercial nigeriana e a direcção da empresa pública caboverdiana de abastecimentos, EMPA.

No quadro do acordo, Cabo Verde venderá peixe fresco, bananas e conservas de peixe ao Níger, e receberá deste país

carnes verdes. Estas trocas comerciais serão efectuadas por avião. Por outro lado, Cabo Verde enviará sal, de barco, para o Níger, e receberá, pela mesma via, feijão deste país.

O desenvolvimento das trocas comerciais entre os dois países foi acordado aquando da visita a Cabo Verde do Presidente nigerino, Seyni Kountche.

III aniversário da RASD (1)

Ao longo do deserto emerge um Estado, um Povo e uma nova vida

(Do nosso enviado especial) — O povo saharoui comemorou no passado dia 27 de Fevereiro o III aniversário da proclamação da República Árabe saharoui Democrática. O aniversário da RASD festejado nas zonas libertadas foi uma manifestação de apreço e uma prova concludente da alta organização combativa do povo a quem o colonialismo quis dar um destino diferente, negando a sua existência. O «Nô Pintcha» esteve presente ao acto a que igualmente assistiram várias delegações amigas do povo saharoui, representações políticas e algumas centenas de jornalistas estrangeiros. Volvidos três anos, A RASD impõe-se como um Estado dotado de estruturas para a organização e mobilização de mais 12 mil refugiados saharoui nesta etapa final da resistência armada contra a invasão estrangeira. Ao longo do deserto emerge um Estado, um povo, uma vida para muitos desconhecidos. A tentativa de negar a realidade histórica e social do povo saharoui fracassou desde o primeiro dia em que um grupo de militantes da Frente Polisário deu os primeiros tiros de revolta contra o estrangeiro. O povo saharoui coloca neste momento os primeiros pilares para a consolidação da soberania nacional e está mobilizado para «impôr a independência total e a paz na região, pela força das armas».

As festividades do III aniversário da RASD foram marcadas pelo desfile de «land-rovers», «jeeps» e camiões GMC, geralmente armados com material pesado (canhões de campanha, meirainadoras, bazucas) todo ele capturado aos inimigos nas frentes de combate, pelo Exército Popular de Libertação Saharoui (ELPS).

A comemoração do 27 de Fevereiro, teria lugar cerca das 11 horas locais. O povo dirigia-se para o lugar das festividades para comemorar a data que o Secretário Geral da Frente Polisário e Presidente do Comando da Revolução, Mohamed Abdel Aziz classificaria de «conquista histórica do povo saharoui, à custa de imensos sacrifícios e fruto de uma longa luta que começou contra o colonialismo espanhol».

Foi perante um grande entusiasmo popular que as delegações e os convidados dariam entrada no «palco» das festividades, embelezado com as cores nacionais, e em cuja porta principal perfilavam bandeiras de países que reconheceram a RASD (18 países). Comitês populares, alunos das diversas escolas nacionais e representações de organizações sociais, gritavam slogans proclamados pelo IV Congresso da Frente Polisário: «Do topo à base, estamos determinados a libertar a nossa pátria», era, um dos slogans que se ouvia em coro, da boca de todos.

Enquanto isso, ressoava uma salva de tiros. A cerimónia seria inaugurada com palavras de abertura do Presidente do Conselho de Ministros, Ahmed Lamin, que

na tribuna tentava acalmar a viva manifestação popular. O significado da data foi a tônica do seu improvisado, durante o qual salientou que o povo saharoui saberá impôr pela força das armas a independência total e a paz.

E essa determinação é mais ainda realidade quando se sabe que o povo já tomou nas suas mãos o destino do seu país. Este facto prende-se por outro lado a uma tomada de consciência nacional, produto de sacrifícios que este povo conheceu tanto sob a dominação espanhola, como em condições de refúgio no exterior do seu território, a que fora obrigado.

Durante a festa popular, o palco vivo das manifestações foi a demonstração das ricas tradições culturais do povo, que estabeleceu deste modo uma grande barreira a uma possível alienação que poderia ser fruto do processo colonial.

A resistência cultural processa-se paralelamente ao rigor do combate libertador. A música saharoui nasceu de uma realidade objectiva. O povo canta os feitos heróicos que preencheram a sua marcha para a liberdade. Como porta-voz da cultura popular, o agrupamento musical «Ouali Mustapha Sayed» interpretou várias canções revolucionárias, acompanhadas por guitarra e «tamtam».

O DESFILE DO EXÉRCITO POPULAR

A projecção internacional das conquistas do povo saharoui é o resultado das acções que o Exército Popular Saha-

roui leva a cabo no terreno. As operações «Houari Boumediene» tornaram-se frequentes nos noticiários de quase todos os jornais internacionais, devido às retumbantes derrotas que o inimigo sofre dia a dia. Quem são esses combatentes saharouis? Durante os primeiros momentos da nossa estadia no território livre saharoui quízemos ver e conhecer os valentes homens do exército saharoui. O nosso guia sujeitara-se às nossas perguntas antes de presenciarmos o desfile do ELPS. Momentos houve em que nos assinalava com o dedo um combatente. Por outro lado, perante a nossa curiosidade, eramos cumprimentados pelos combatentes que nos falavam com uma gentileza invulgar. Recebia saudações fraternais do povo saharoui, quando sabiam que eu era da Guiné-Bissau. «Um militante do PAIGC é também militante da Frente Polisário» disse-me o Ministro da Informação da RASD numa troca de palavras, quando na noite da véspera do aniversário, e em que soprava um frio impossível de aguentar, me dirigia para a minha tenda.

27 de Fevereiro. O povo saharoui trajado de vestuários de diferentes cores, já se encontrava agrupado no lugar das festividades, aguardando o começo. «Cada cor corresponde a um comité popular», explicou-me um amigo saharoui.

Mohamed Abdel Aziz, no seu discurso oficial, sublinhou as diferentes etapas da revolução saharoui e os momentos áureos da sua vida. Enalteceu a figura daquele que foi o primeiro Secretário Geral da Frente Polisário, Chaid El Ouali

Mustapha Sayed, caído heroicamente durante o primeiro ataque à capital mauritaniana.

As delegações e representantes de organizações políticas presentes ao acto testemunharam durante as suas intervenções a sua solidariedade e apoio à causa do povo saharoui.

O desfile do Exército Popular de Libertação Saharoui teria lugar depois das primeiras cerimónias oficiais. Os jovens combatentes resumiam naquela simbólica manifestação a sua alta disposição combativa e organizativa.

Integrado no programa das festividades, visitamos uma exposição de peças de artesanato tradicional e uma outra de desenho infantil. Neste último, encontravam-se expostos, além de quadros artísticos infantis, organigramas do hospital nacional e da escola principal. Enquanto percorriamos a sala, seguíamos as explicações de um aluno saharoui.

Não conseguia esconder o meu entusiasmo perante toda aquela realidade social e cultural do povo saharoui. Enquanto essa criança explicava a essência e o objectivo da exposição, vieram-me a memória as palavras que ouvira anteriormente de um responsável: «as crianças são a nossa esperança».

São essas crianças que vimos no desfile dos alunos, crianças que amadurecem com as exigências da revolução. Tomaram também parte no desfile trabalhadores de alguns departamentos estatais, entre os quais os do hospital e da Cruz Vermelha.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAIS CAPTURADOS

A uns escassos metros do centro das festividades, encontrava-se uma exposição de material de guerra marroquino, capturado durante os combates pelo Exército de Libertação Popular Saharoui.

Esses materiais seriam apresentados à imprensa, na tarde do dia 27 de Fe-

vereiro, depois do almoço oferecido às delegações. Entre esse numeroso material, encontravam-se armas ligeiras, «land-rovers», camiões GMC, «jeeps» americanos, «Unimogs», carros blindados e restos de um avião abatido.

Ao lado, um grupo de prisioneiros marroquinos seria depois entrevistado pelos jornalistas. Quase todos eles declararam que eram bem tratados. Muitos desses presos foram apanhados no decurso da recente operação «Tan-Tan».

O piloto marroquino Nagab Ali, preso a 10 de Setembro último, afirmou-nos desconhecer que tomava parte numa guerra contra o povo saharoui, pois o seu governo declarava-lhes que lutavam contra um exército estrangeiro.

A tentativa frustrada do governo marroquino de manter uma guerra de genocídio acarreta graves problemas económicos ao país. Segundo as declarações de um oficial marroquino que encontramos numa base saharoui, e que desertou recentemente do seu exército trazendo o seu «jeep», para se juntar a Frente Polisário, já existe no seio de alguns oficiais marroquinos uma tomada de consciência perante uma guerra injusta movida contra o povo saharoui.

Respondendo a várias questões que lhe eram colocadas, o nosso interlocutor faz um análise da tensão que vive actualmente o seu país e declarou-nos estar disposto a lutar pela libertação total do povo saharoui que considerou seu irmão, contribuindo igualmente para a libertação do povo marroquino.

Conta-nos esse oficial que decidira juntar-se a Frente Polisário porque reconheceu que, para a solução do conflito, resta unicamente o reconhecimento da realidade saharoui: a existência de um povo e de uma nação que constituiu a República Árabe Saharoui Democrática.

O mar e A bat dos s

Concluimos H do camarada Fidé de Estado da Jus primeira parte, repr de Março último.

Estes métodos le já ao esgotamen peixe em muitas ár mundo, e ameaça própria existência das espécies b cas dos mares, esgotam não só a bilidade de alimen mas também impe própria reprodução peixes e outros fru Mar.

Alarmados com a cupação de verem cursos localizados suas costas serem d dos pela acção grandes frotas pe ras, os países em v desenvolvimento çaram a adoptar m protectoras das re biológicas dos mare tígulos às suas cost

Neste sentido países estenderam teralmente a sua s nia até a um limite mo de 200 mil costa, atribuindo-se reito da exploraçã nómica exclusiva da essa zona.

As potências in listas reagiram, te manter o «status apoiando-se no pr da liberdade dos m

Esse antagonis tre os interesses grandes potências legítimos interesse países em vias de volvimento, acres necessidade urgen protecção da flora fauna, da conserva reprodução das es biológicas, viria a na iniciativa das Unidas de convoca Conferência sobre reito do Mar.

RECURSOS MINEIROS

Se, na verdade, ploração das ex biológicas dos m importante para as do Mundo, está no to muito longe de a a transcendente tância económica perspectiva da e ção mineral ofer Homem da nossa e do futuro próxim

Com efeito, as in extensões dos fund oceanos encerram culáveis e fabulo

eu direito

Partilha dos países subdesenvolvidos pela defesa dos recursos marítimos — conclusão do depoimento do camarada Fidelis d'Almada

publicação do depoimento
de Fidelis d'Almada, Comissário
de Direito do Mar, cuja
nossa edição de 20

riquezas minerais, já hoje
ao alcance dos homens,
graças ao fantástico de-
senvolvimento da tecno-
logia moderna.

Acontece que do fundo
dos mares constitui hoje
uma nova fonte inesgotá-
vel de minerais, pois
todo ele é atapetado por
pedras pretas inteiramen-
te compostas de mi-
nerais, como manganês,
ferro, cobre, níquel, co-
balto, etc., por isso mes-
mo conhecidas por «nú-
culos polimetálicos».

A história dos nódulos
polimetálicos começou
há pouco mais de um sé-
culo (1873), quando a
draga dum fragata britá-
nica que fazia um cru-
zeiro de 3 anos em redor
do mundo para prospec-
ção oceânica de águas
profundas, inesperada-
mente fez subir dum pro-
fundidade de mais de 4
mil metros algumas des-
sas pedras.

Mais tarde, em 1957,
o Dr. John Mero (do In-
stitute of Marine Research
da Universidade de Cali-
fórnia, EUA) falava pela
primeira vez da possibili-
dade do aproveitamento
dos «nódulos polimetá-
licos» para fins industriais.

Daí por diante, as po-
derosas companhias multi-
nacionais, na sua febre
de procura incessante de
matérias primas, votaram
avultados créditos a esta
possível fonte de mine-
rais. Uma estimativa das
reservas indica aproxima-
damente, a existência de
três biliões de toneladas
de nódulos polimetá-
licos. Segundo os entendi-
dos, o aproveitamento de
1 por cento somente des-
sa reserva daria para uma
exploração de 285 anos
de manganês, 230 anos
de níquel, 17 anos de co-
bre e 1.200 anos de co-
balto.

AGUÇA-SE O APETITE DOS IMPERIALISTAS

Tudo isso sem falar na
exploração das cama-
das inferiores dos fundos
dos mares, que contêm
não só grandes quantida-
des de petróleo mas tam-
bém outros preciosos mi-
nerais. Estima-se que, já
nos anos 80, um terço do

petróleo mundial virá dos
leitos dos oceanos!

Na perspectiva desse
«maná» de riquezas mi-
nerais, uma áspera luta
se desenrola, em surdina,
entre as próprias potên-
cias imperialistas ociden-
tais.

Vastas regiões oceâni-
cas são já reservadas por
esta ou por aquela potên-
cia. Prospecções febris
são realizadas dum for-
ma cada vez mais inten-
sa, a fim de determinar
as melhores condições de
rentabilidade. A ganância
desenfreada das multina-
cionais leva-as até às
portas dos países costei-
ros do Mundo inteiro.

É neste contexto que é
realizada a III Convenção
das Nações Unidas sobre
o Direito do Mar, no seio
da qual existem divergên-
cias profundas, até então
ainda não solucionadas.

Nessa Conferência tra-
ta-se, em resumo, de or-
ganizar e disciplinar a
exploração das riquezas
submarinas, desde logo
consideradas «Patrimó-
nio Comum da Humanidade»;
de conciliar os inter-
esses dos Estados costei-
ros e dos Estados en-
cravados nos continentes,
que devem participar
também do «bolo co-
mum»; de regulamentar
a exploração da «zona
económica exclusiva»,
cujos recursos pertencem,
em princípio, aos estados
costeiros; de dividir a
responsabilidade na luta
contra a poluição, e sal-
vaguardar o meio ambi-
ente e, por último, de es-
tabelecer um sistema efi-
caz de solução pacífica
dos diferendos.

A Convenção teve a
sua primeira sessão em
1974, em Caracas. No
mês de Março do ano pas-
sado, inaugurou a sua 7.^a
sessão em Genebra cuja
2.^a parte acabou de ser
realizada em Setembro,
em Nova York.

UM COMPROMISSO FRECÁRIO

Em 1977, depois de 4
anos de duras negocia-
ções em que participam
147 países do Mundo, foi
publicado um «texto com-
posto», documento ofi-
cioso com 303 artigos,
que reflecte, sobretudo,
um compromisso entre os
pontos de vista dos paí-
ses desenvolvidos e em

vias do desenvolvimento.

O texto, dividido em
14 partes, começa por
definir normas de orien-
tação no que diz respeito
à determinação do Mar
Territorial e à zona con-
tígua, ao princípio da
passagem inofensiva, à
determinação das linhas
rectas de base, à defini-
ção das águas interiores
e à delimitação das fron-
teiras marítimas entre os
Estados ribeirinhos.

De notar que o art.
15.^o do «texto composto»
reproduz quase textual-
mente o critério de orien-
tação estabelecido
em Genebra em
1958 para o caso da de-
limitação da fronteira ma-
rítima entre dois Estados
costeiros ou que se en-
contrem face a face.

Mas a contradição fun-
damental gira à volta das
disposições do texto des-
tinadas a regulamentar a
exploração das riquezas
marítimas. O texto prevê
o estabelecimento dum
Autoridade Internacional,
organismo encarregado
de gerir e explorar os re-
cursos do alto mar, em
nome e em proveito de
toda a Humanidade.

Este organismo é com-
posto de um Conselho de
36 membros, de um Se-
cretariado Executivo e de
um Tribunal de Direito
do Mar.

Foi previsto no «texto
composto» todo um me-
canismo que permite con-
ciliar e até favorecer os
interesses das empresas
privadas multinacionais,
defendidas pelas grandes
potências ocidentais.

Mas as multinacionais,
detentoras exclusivas da
tecnologia, não estão in-
teressadas em ver apro-
vada uma convenção que
viria regulamentar a ex-
ploração, obrigando-as
além disso, a comparti-
lhar o produto com os de-
mais países.

Daí a sua contraditória
atitude: enquanto, por um
lado, procuram bloquear a
Convenção, cujas dispo-
sições devem ser aprova-
das por «consensus», por
outro lado emitem, fora
da sala dos trabalhos, su-
cessivas ameaças de
abandonar a Convenção
e dar início à exploração,
apressadas como estão
em auferir os avultados
lucros provenientes dos
fundos dos oceanos.

A vigorosa oposição
dos países em vias de de-

senvolvimento é plena-
mente justificável. Dada
a transcendente impor-
tância de assuntos como
a definição do regime da
propriedade e as condi-
ções da exploração das
grandes riquezas dos fun-
dos dos mares, em dis-
cussão na III Conferên-
cia das Nações Unidas so-
bre o Direito do Mar, tra-
ta-se ao fim e ao cabo,
de uma nova partilha do
Mundo. Há mesmo quem
diga que nessa Conferên-
cia se define o verdadeiro
estabelecimento de uma
nova Ordem Económica
Internacional.

A EUROPA ESGOTADA VOLTA-SE PARA O MAR

Como se sabe, a pro-
dução industrial acelerada
das «sociedades de con-
sumo» provocou o esgo-
tamento quase total das
fontes energéticas e de
matérias primas da Eu-
ropa Ocidental.

Os grandes complexos
industriais desse conti-
nente encontram-se hoje
praticamente dependen-
tes do fornecimento das
matérias primas do «Ter-
ceiro Mundo», e isso num
a época em que os po-
vos, libertados do fardo
colonial, procuram mobi-
lizar todos os seus re-
cursos naturais para garantir
o seu próprio progresso e
eliminar o atraso econó-
mico e social em que se
encontram.

Durante muitos sécu-
los, o imperialismo, com
base na violência, na su-
bordinação dos Estados
fracos, na opressão dos
povos, na dependência
colonial, e na exploração
dos recursos humanos e
materiais, conseguiram
garantir o fornecimento
de matérias primas gra-
tuitas ou a preços irrisó-
rios que possibilitaram o
tremendo avanço tecnoló-
gico dos países ociden-
tais. Entretanto, o apare-
cimento dos países pro-
gressistas e o aumento
incessante do seu poderio
económico e militar ope-
rou a primeira grande mu-
dança na correlação de
forças existentes à escala
mundial, e, como conse-
quência, despertou a
consciência dos povos
da África, Ásia e Amé-
rica Latina, que se lança-
ram na vitoriosa luta de
Libertação Nacional.

OS NOVOS BLOCOS INTERNACIONAIS

Nos últimos tempos,
liquidado o sistema colo-
nial na sua forma clássi-
ca, os países do «Terceiro
Mundo» reforçaram a sua
luta pelo exercício da
plena soberania nacional
sobre as suas riquezas na-
turais. No quadro dessa
luta, foram nacionaliza-
das muitas empresas per-
tencentes aos monopólios
imperialistas. Foram igu-
almente criadas novas
empresas de extracção
de petróleo, gaz, minérios
de ferro, cobre, fosfatos
alumínios, etc., com equi-
pamentos modernos e
uma tecnologia já bas-
tante avançada, facto
que começa, naturalmen-
te, a provocar a elevação
da produtividade e do ní-
vel de vida das suas po-
pulações.

Nos novos países de
orientação socialista, to-
mam-se medidas tenden-
tes a incrementar a agri-
cultura e a indústria. Os
princípios da planifica-
ção da economia são in-
troduzidos, e envidam-se
esforços no sentido da
elevação da eficiência da
produção, da rentabili-
dade e da produtividade,
nomeadamente no sector
estatal.

No que se refere ao
pleno aproveitamento das
suas riquezas naturais, os
países do «Terceiro Mun-
do» revelam uma domi-
nante tendência para
criar organizações econó-
micas de resistência co-
mum para fazer face às
manobras imperialistas
e impôr um justo
preço para as suas maté-
rias primas. Estão neste
caso as Organizações dos
Países Produtores de ca-
fé, de cacau, o Conselho
Inter-Governamental dos
Países Exportadores do
Cobre (CIPEC) e a Orga-
nização dos Países Expor-
tadores do Petróleo
(OPEP).

Numa reafirmação da
sua soberania, estes últi-
mos países têm relevado,
num crescendo, os seus
intentos de fortalecer a
sua participação nas de-
cisões respeitantes ao
seu petróleo, nas ques-
tões concernentes às ta-
xas de exportação, sobre
a propriedade e o destino
da produção, etc. Os
contratos ultimamente as-
sinados com as grandes

multinacionais do petró-
leo são larga e minucio-
samente discutidos pelos
representantes dos países
detentores dos jazigos
petrolíferos, que têm vin-
do a alcançar sucessivas
vitórias com a imposição
de condições cada vez
mais favoráveis aos seus
interesses nacionais.
Neste aspecto, é elucida-
tivo o contrato assinado
pela República Democrá-
tica de Vietnam que, não
sendo ainda um país pro-
dutor de petróleo, conse-
guiu fazer introduzir, a
seu favor, na cláusula
referente à partilha dos
benefícios, uma vantagem
da ordem de 95% (sobre
5% para as multinaci-
onais) do total da produ-
ção dos primeiros anos
da futura exploração.

UMA QUESTÃO DE VIDT

As manobras neo-co-
lonialistas com que os
países ocidentais tenta-
vam responder a estas
medidas e manter o seu
controle sobre as mate-
rias primas, encontra-
-se, hoje em dia, bastante
desacreditadas. Por ou-
tro lado, as crises econó-
micas, provocadas pela
elevação do preço de ma-
térias primas e o desen-
prego, ameaçam a estabi-
lidade política e soci-
al dos países capitalistas.

Eis a razão porque as
multinacionais, apoiadas
pelos países capitalista-
se empenham em provo-
car o fracasso da III Co-
ferência das Nações Un-
das sobre o Direito do
Mar a fim de podere
iniciar imediatamente
exploração indiscrimi-
nada das fabulosas riqu-
zas sub-marinas.

Os países da África,
Ásia, e América Latina
tentam defender-se, co-
ordenando a sua acção
no seio do maior grupo
Conferência — o gru-
po dos 77.

Trata-se de uma que-
stão de vida ou de morte
para essa imensa maior-
ia das nações que parti-
cipam na Conferência
das Nações Unidas.
A exploração (em regime
de propriedade exclu-
siva) do petróleo e mi-
nerais dos fundos dos
mares por parte das mu-
ltinacionais, únicas que
sintorizarão a tecnologia
significaria não só travar

(Continua na página

Torneio de basquetebol feminino em Conakry

Participação honrosa da Guiné-Bissau

● Guiné venceu ● Senegal 2.º lugar ● Tina, a melhor jogadora da prova

Derrotando na final, por 78-72, as «Leoas» do Senegal, quatro vezes campeãs de África, as «Amazons» da Guiné venceram o 1.º torneio de basquetebol feminino da zona de desenvolvimento desportivo número 2 do Conselho Superior do Desporto Africano, que decorreu de 20 a 26 de Março, em Conakry. Participaram na competição — que reuniu um número recorde de equipas em provas deste tipo no nosso continente — as selecções nacionais do Senegal, da Guiné, do Mali, da Mauritânia, da Gâmbia e da Guiné-Bissau, tendo sido a representação de Cabo Verde a única ausente.

A selecção da Guiné-Bissau, que participou pela primeira vez numa prova internacional, teve um comportamento honroso, realizando algumas boas exhibições (venceu um jogo e perdeu quatro), conquistando o quinto lugar e vendo a sua capitã, Tina, eleita unanimemente a melhor jogadora do torneio.

Jogando no Palácio dos Desportos do «Estádio 28 de Setembro» — sempre cheio de um público entusiasta, conhecedor de basquetebol e que «puxou» constantemente pela melhor equipa em campo — a nossa selecção, que fez cinco jogos em seis dias, defrontou sucessivamente a Guiné (31-52), a Gâmbia (33-49), o Senegal (28-140), a Mauritânia (64-42) e o Mali (49-77).

A classificação final do torneio foi a seguinte: 1.º Guiné; 2.º Senegal; 3.º Mali; 4.º Gâmbia; 5.º Guiné-Bissau; e 6.º Mauritânia. Embora perdendo no último jogo com as guineenses, as «Leoas» do Senegal (que participaram, o ano passado, na fase final do campeonato mundial) apresentaram a melhor equipa, quer do ponto de vista técnico e tático, quer quanto à sua estatura e preparação física.

Com evidente falta de «rodagem» (no nosso país há apenas duas equipas femininas de basquetebol, e a selecção nacional treinou apenas uma semana para esta sua estreia em competições africanas), a turma da Guiné-Bissau era o «cinco» de menor estatura e com menos força (o que levou as jogadoras a cometerem grande número de faltas), havendo a acrescentar à sua inexperiência a falta de suplentes com o mesmo nível que as titulares. Apesar disso, as jovens das FARP e do BNG realizaram boas exhibições con-

tra a Guiné e o Mali (em que saíram derrotadas) e contra as «Gazelas» da Mauritânia (que levaram de vencida. Contra a Gâmbia (uma equipa sem grande técnica, mas com boa preparação) e o Senegal (sem dúvida nenhuma, a melhor selecção africana da actualidade), a Guiné-Bissau, privada da sua melhor jogadora, Albertina — lesionada no jogo com as gâmbianas —, além de perder, fez exhibições de pior qualidade.

TINA, A MELHOR

Numa apreciação individual das nossas jogadoras, há que referir o esforço e a dignidade com que se bateram todas as jovens atletas guineenses, que tiveram a «ousadia» de participar no torneio de Conakry. Devem-se salientar as brilhantes exhibições de Tina, que conquistou o público, os jornalistas de Conakry e as próprias adversárias, e que recebeu, no final da prova, das mãos da camarada André Touré, esposa do Chefe de Estado da Guiné o prémio atribuído à melhor jogadora do torneio.

O «Horoya» de 22 de Março escrevia, após a jornada inaugural, sobre Tina, que considerava ter uma «estatura de verdadeira campeã»: «(...) Evoluindo como vedeta consagrada, certa e na meias-distâncias, ágil e veloz, omnipresente e hábil em todos os lances, ela brilhou de todas as formas e iluminou todo o campo. Estas qualidades, aliás, colocaram-lhe no braço direito a braçadeira de capitã, que não servia verdadeiramente senão a ela». O mesmo jornal publicava, a 25, uma entrevista com a capitã guineense e atribuía ao «regresso espectacular de Albertina» (em título), depois da sua lesão contra a Gâmbia, a vitória da nossa selecção no jogo

com a Mauritânia (em que Tina marcou 34 dos 64 pontos obtidos!).

Outros nomes nacionais em destaque: Eneida (doente a princípio,



Tina — a melhor...

efectuou uma excelente exhibição contra a Gâmbia), Romy (muito regular, em todos os jogos), Lisdália (cheia de força e habilidade, mas ainda inexperiente) e Leonor (muito nervosa, saiu em quase todos os jogos com cinco faltas). Irene e Domingas (de boa estatura, mas tecnicamente «verdes»), Fátima, Lourdes e Carol deram também o seu contributo. De realçar o ambiente de amizade e fraternidade que existiu entre as desportistas dos diferentes países e as manifestações carinhosas que o público dispensou às equipas visitantes, em especial à jovem selecção da Guiné-Bissau.

LIÇÃO A RETER

Hoje, em todos os países, independentemente do seu sistema político e social, o desporto ocupa um lugar de destaque nas preocupações dos governos. Trata-se, na verdade, de um direito dos povos, de um meio privilegiado de educação e mobilização da juventude, de promoção da saúde das massas trabalhadoras, de financiamento de obras de carácter social, de um espectáculo que arrasta multidões, enfim, de um complexo fenómeno utilizado até como arma de propaganda externa, que afasta ou aproxima povos.

No nosso país, quatroquente, entre nós, são os anos e meio após a libertação completa, a situação do desporto nacional não é brilhante: a nível oficial, só existe o futebol (e, mesmo esse, sem categorias de reservas, juniores e infantis e com todos os problemas conhecidos, tais como corrupção e «fuga» de jogadores para o estrangeiro), com um nível africano baixo, estando as restantes modalidades — atletismo, basquetebol, voleibol, andebol e ténis, para só citar algumas, mais conhecidas da nossa juventude — votadas ao mais completo abandono.

As poucas realizações, neste domínio (das «restantes modalidades», como são chamadas), devem-se ao entusiasmo de alguns «carolas» (o ténis, por exemplo), ou à iniciativa e persistência de colectividade actuando «à margem» do Conselho Superior de Desportos, como é o caso do basquetebol feminino. Com efeito, as duas únicas equipas femininas de bas-

quetebol do Grupo Desportivo do BNG e do Grupo Desportivo das FARP, resultando daí uma estagnação da modalidade, por falta de competições oficiais.

A participação da selecção da Guiné-Bissau no torneio da zona II, em Conakry, foi de facto, uma «ousadia», só possível devido ao valor das nossas atletas, à confiança que nelas depositaram os dirigentes dos Grupos Desportivos das FARP e do BNG, e ao apoio (tardio e insuficiente) do Conselho Superior de Desportos. Mas, para além do êxito que significou o simples facto de termos estado presentes na capital guineense, e independentemente dos resultados desportivos (aliás, satisfatórios, nas condições referidas), importa extrair, desta deslocação, a seguinte lição: na nossa terra, ao desporto ainda não é dispensada a atenção necessária, como o demonstra bem a situação do basquetebol feminino.

Desta tribuna, lançamos o apelo: é urgente que o Governo, através do organismo competente — o Conselho Superior de Desportos, que terá certamente o apoio de todos os desportistas — se debruce sobre o problema e defina uma política de desporto, de acordo com as nossas realidades. É urgente parar um momento, fazer um balanço da situação, estudar os meios humanos, técnicos e materiais de que dispomos e decidir, com seriedade e responsabilidade, as medidas que se impõem para lançar as bases sólidas do desporto no nosso país, um desporto de acordo com as opções do PAIGC. Só assim poderemos alcançar, a curto prazo, o desenvolvimento desportivo de que a nossa juventude precisa e que o prestígio da Guiné-Bissau exige.

Formação de professores secundários — arranque em 79/80

O Comissariado de Estado da Educação Nacional abrirá, no início do próximo ano lectivo, um curso para formação de professores do ensino secundário, que actuarão, após uma preparação correspondente ao nível de bacharelato universitário, nas áreas do curso geral dos liceus. O curso, que se realizará em Bissau, sob a orientação da direcção-geral do ensino secundário do CEEN e do Liceu Nacional Kwame N'Krumah, será frequentado por professores com o 7.º ano dos liceus completo, dando-se preferência aos que já possuam uma certa experiência de ensino.

Durante os últimos anos, após a independência total do país, a população escolar aumentou consideravelmente, o que provocou desequilíbrios graves, dado a precariedade de infraestruturas. No ensino secundário essa «explosão» não se fez ainda sentir de forma acentuada, mas verificar-se-á nos próximos anos.

No ano lectivo de 74/75, aproximadamente 3 mil e 600 alunos estavam distribuídos pelas diferentes escolas secundárias. A cobertura era feita por 115 professores, sendo a maioria cooperantes. Em quatro anos, o número de estudantes aumentou para 4 mil e 100 e o de professores para 160.

O desbloqueamento da situação de dependência de cooperantes é uma das maiores preocupações assinaladas no quadro da política de transformação/nacionalização do ensino. Neste âmbito, as brigadas pedagógicas (alunos do curso complementar recrutados para leccionar nas escolas preparatórias), já em

acção, constituem os primeiros passos neste sentido.

O curso de formação de professores do ensino secundário cuja inauguração coincidirá com o começo do próximo ano lectivo, preparará docentes para o curso geral, nas disciplinas de Física, Química, Biologia, Geografia, História, Português e Matemática. Os três anos de formação a que serão submetidos permitirão equiparar-los com uma grande parte dos cooperantes, dando-lhes o nível de bacharelato universitário.

Esta iniciativa possibilitará a redução de efectivos cooperantes. Além disso, a camarada Maria Dulce Borges, directora do ensino secundário do CEEN, manifestou essa ideia, ao afirmar, depois de precisar que o curso termina no ano lectivo 81/82, altura em que começará a funcionar o Instituto Superior de Formação de Professores, que daqui a 84/85, o nosso país já não precisará de cooperantes para o curso geral. Admitiu porém

o recrutamento dos mesmos só para o curso complementar, ou seja formação pré-universitária, a médio prazo.

Posto perante a hipótese de, com a continuação da formação possa resultar uma «saturação», a camarada Maria Dulce Borges frisou que os bons quadros poderão frequentar cursos superiores e outros serão aproveitados para quadros da função pública.

Prevê-se que o número de alunos aumente para 4 mil e 900 e o de professores para 190, até 84. Para fazer face a esta situação, o departamento do ensino secundário tem um programa de diversificação do ensino, segundo o qual será criado outro tipo de estruturas para acolher jovens com a 6.ª classe, evitando-se que o liceu de Bissau esteja sobrecarregado.

No quadro de formação média será iniciada no próximo ano, a preparação de quadros no sector de administração para pessoas habilitadas com o 5.º ano. Por outro lado, funcionará o Instituto Técnico de Formação Profissional em Brá, que começará por formar instrutores.

Para a formação de quadros administrativos, será aproveitado um grupo de pavilhões do ciclo preparatório que, conforme a directora do ensino secundário, será reparado e apetrechado.

Zimbabwé:

Patriotas prometem paralisar o país durante as "eleições"

LUSAKA, 3 — Joshua Nkomo, um dos líderes da Frente Patriótica do Zimbabwé, anunciou anteontem na capital zambiana uma ofensiva geral dos combatentes da liberdade contra o regime ilegal de salisbúria, que deverá paralisar o país durante as «eleições» previstas para a segunda quinzena do corrente mês.

Ao ler, em Lusaka, uma «declaração do Conselho Revolucionário Popular da ZAPU», Nkomo anunciou a ocupação permanente e o controle de todas as regiões libertadas da ocupação inimiga. No final da conferência de imprensa, convocada na sua residência, o presidente da ZAPU procedeu a um apelo nominal de uma centena de membros do Conselho Revolucionário que assinaram solenemente o documento.

A declaração precisa que o ZIPRA (Exército Revolucionário do Povo do Zimbabwé) recebeu no dia 3 de Abril uma ordem de oito pontos: expulsar o resto das forças inimigas das zonas que controla, proteger todos os cidadãos nestas zonas, sem distin-

ção de raça, de cor, nem de religião, organizar e defender as massas do Zimbabwé, atacar corajosamente as regiões ainda ocupadas pelos racistas rodesianos, paralisar o inimigo, acolher e proteger os membros das forças inimigas que defender as massas da revolução, cooperar com todas as forças patrióticas que combatem pela mesma causa, e colocar todas as zonas ainda não controladas em condições de serem rapidamente libertadas, nomeadamente as zonas urbanas.

Neste documento intitulado «viragem decisiva», a ZAPU proclama a sua vontade de «libertar a minoria branca da tragédia que ela mesma criou devido ao colonia-

lismo britânico na Rodésia».

Depois de ter lançado um apelo a todo o povo do Zimbabwé, pedindo-namente na revolução e para cooperar com as forças revolucionárias a fim de libertar o país, a declaração do Conselho para participar plenamente da ZAPU indicou que os membros desta instância que se encontram no interior das zonas libertadas estão encarregados de organizar unidades administrativas, de gerir as empresas agrícolas, do ensino e da saúde, e de assegurar a consolidação destas zonas libertadas.

No mesmo dia em que esta declaração foi difundida, a polícia rodesiana anunciou que a duração do recolher-obrigatório nas zonas industriais de Salisbúria foi aumentada, na sequência de uma operação dos combatentes da liberdade do Zimbabwé contra um depósito de combustível da capital.

Agressões rodesianas não tolgem o passo ao jovem país

Os ataques e os actos de sabotagem cometidos pelos mercenários do regime ilegal de Ian Smith contra a República Popular de Moçambique têm por objectivo travar a evolução progressista do país.

Como sublinhou a Rádio Moçambique os racistas rodesianos querem dar a impressão de que a edificação do sistema socialista não é possível no continente africano.

Os bombardeamentos de cidade de Chokwé, a dinamitação de um depósito de combustível perto da cidade portuária da Beira, e os ataques contra as linhas de caminho de ferro e as posições das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM), visam intimidar os 11 milhões de moçambicanos e obrigá-los a negar o seu apoio solidário aos patriotas do Zimbabwé.

Os êxitos que Moçambique obteve desagradam ao regime de Salisbúria. No ano passado, Moçambique conseguiu uma das suas maiores vitórias. As células do Partido/Frelimo foram constituídas nas empresas nas cooperativas, nas comunas rurais e ministérios. Novos órgãos do Estado iniciaram trabalhos, e uma tendência de estabilização desenhou-se no plano económico.

Apesar dos problemas económicos existentes, o jovem Estado mantém o bloqueio económico contra a Rodésia racista, o que reforçou o prestígio de Moçambique no plano internacional.

Rádio Moçambique salientou que os ataques contra Moçambique. Angola e Zambia não podem mudar a relação de forças favorável ao progresso. «A África não deixará de reforçar a sua assistência solidária aos povos oprimidos pelo racismo, ac.escen.ou. (ADN).

República Popular do Congo

Reforço do poder de N'Gouesso e estatização total da economia

BRAZAVILLE — Depois de uma semana de reuniões, o terceiro Congresso extraordinário do Partido Congolês do Trabalho (PCT) terminou no sábado passado os seus trabalhos, com a designação do coronel Denis Sassou N'Gouesso à cabeça do partido, do Estado e do governo.

Sassou N'Gouesso, considerado como o continuador de obra de Marien N'Gouabi, reafirmou,

na sessão de encerramento, a vontade do seu país de praticar «uma política de abertura, de boa vizinhança e de cooperação internacional na base da vantagem recíproca e da estrita legalidade, sem mercantilismo nem alienação das nossas opções e dos nossos princípios», ao mesmo tempo que felicitava os congressistas por não se terem, um único ins-

tante sequer, desviado da via traçada por Marien N'Gouabi.

Note-se que o seu predecessor, o general Yhomby Opango, demitido em Fevereiro passado pelo Comité Central do partido, foi acusado unanimemente, pelo congresso, de «alta traição» pelo seu «esbanjamento», o seu «estilo de vida», o seu «desrespeito pelo marxismo». O partido decidiu poi a confiscação de todos os seus bens em proveito do povo, a sua detenção imediata e o seu julgamento em tribunal popular.

Na cerimónia de encerramento do congresso, o porta-voz do partido, o capitão Florent Tsiba, sublinhou que o relatório político, económico e social apresentado na sessão de abertura pelo coronel Sassou N'Gouesso, servira de base às discussões e, depois, às resoluções e moções adoptadas por cerca de 500 congressistas. Foi salientado «o

papel dirigente do partido», a sua vontade de aplicar uma linha justa baseada «na verdade universal do marxismo-leninismo».

O capitão Tsiba precisou também que os delegados adoptaram resoluções visando eliminar do partido os «oportunistas».

As resoluções do Congresso exigem igualmente uma depuração no exercício

No plano económico, o partido decidiu romper de uma vez por todas com a «divisão internacional capitalista do trabalho», que segundo os militantes e os dirigentes, é em parte responsável por uma certa quebra económica do país.

As resoluções adoptadas visam pois restaurar a economia nacional baseando-a «numa estratégia revolucionária, auto-dinâmica e autocrada», isto com o objectivo de «realizar uma socie-

dade socialista no Congo».

Doravante, sublinhou-se em Brazaville, o sector capitalista será abolido, a economia parcelar individual dos camponeses e dos artesões será transformada em economia colectiva. Os dirigentes congolezes parecem decididos a instaurar a «propriedade colectiva de meios de produção sob as formas estatal e cooperativa».

No plano sócio-cultural, o congresso decidiu o estabelecimento de «uma verdadeira escola popular desprovida das suas estruturas coloniais». Segundo o porta-voz, os congressistas consideram necessário «destruir o mito da cultura estrangeira, nomeadamente, europeia».

A escolha «de uma das nossas línguas (lingala e munukutuba) como língua nacional será feita em tempo oportuno», anunciou por outro lado o capitão Tsiba.

— Unificação dos Yémens

KOWEIT — O presidente do Yémen do Sul, Abdel Fattah Ismail, declarou na semana passada, no Koweit, que está disposto a ceder o seu posto ao chefe de Estado norte-yemenita, Ali Abdallah Saleh, a fim de facilitar a união entre os dois países.

— Desemprego na Africa do Sul

PRETÓRIA — O número de desempregados na Africa do Sul aumentou em 210 mil, em 1970, para cerca de 700 mil, em 1978, anunciaram fontes oficiais. Todavia, estas cifras foram contestadas por muitos economistas e institutos especializados, que consideram o número de desempregados hoje é superior a 1 milhão.

— Obasanjo em Angola

LUANDA — O chefe de Estado nigeriano, general Olusegun Obasanjo, é esperado hoje na capital angolana. O presidente da Nigéria efectuará uma visita privada e de amizade de três dias a Angola, a convite do presidente Agostinho Neto.

LUANDA — Centenas de estudantes namibianos aderiram ao movimento de libertação da Namíbia, Swapo, anunciou a rádio «Voz da Namíbia». A decisão de participar na luta pela liberdade traduz a tendência geral dos jovens namibianos de não admitir a ordem racista e colonial estabelecida no seu país pelas autoridades de ocupação sul-africana. — (TASS)

ESCASSEZ DE GASOLINA NO BURUNDI

BUJUMBURA — O Conselho de ministros burundenses decidiu adoptar um novo horário provisório de trabalho para os sectores públicos e para-públicos, devido à escassez de gasolina que conhece o Burundi há alguns meses. A quantidade de gasolina que o país recebe não é suficiente para satisfazer as necessidades actuais, apesar das medidas de racionamento. — (FP)

NOVA CONSTITUIÇÃO NAS SEYCHELLES

VICTÓRIA — As Seychelles adoptaram uma nova constituição do tipo socialista. Um comunicado oficial anunciou que haverá eleições presidenciais em Junho. Elaborada por uma comissão dirigida por Georges Telford, reitor da faculdade de Direito da Universidade das Caraíbas, o texto é o resultado de uma consulta nacional que durou cerca de 18 meses. — (FP)

TELEX AUTOMÁTICO NA GAMBIA

BANJUL — A Gâmbia dotou-se de um novo serviço de telex imediatamente automático, que lhe foi vendido pela firma «Cable and Wireless» pela quantia de 400 mil dólares. O novo serviço de telex tem capacidade para 127 linhas, 80 das quais já estão em serviço. — (FP)

ESCOLAS RURAIS NO BENIN

NAÇÕES UNIDAS — Com a ajuda do Fundo de Desenvolvimento da ONU, o governo beninense vai construir cem novas escolas rurais nas zonas fronteiriças. Estas escolas do ensino primário permitirão formar 21 mil alunos e evitar a emigração dos jovens que vivem nestas zonas.

CAMINHO DE FERRO AFRICANO

BRAZAVILLE — O Congo e a União Africana de Caminho de ferro (UAC) assinaram um acordo para a criação de uma escola superior africana de caminho de ferro, que tomará cerca de 50 engenheiros por ano a partir de 1982. — (FP)

NOVO GOVERNO BELGA

BRUXELAS — Wilfried Martens, presidente do Partido Social-Cristão flamengo, foi designado anteontem, pelo rei baluário, primeiro-ministro do futuro governo belga. Martens, de 42 anos de idade, dirigirá uma coligação governamental composta por sociais-cristãos e socialistas flamengos, pelos seus homólogos francófonos e pelo partido linguístico bruxelense. — (FP)

CEAUSCESCU VAI AO GABÃO

BUCARESTE — Nicolai Ceausescu, chefe do partido e do Estado romeno, efectuará na primeira quinzena de Abril uma visita oficial ao Gabão, a convite do presidente gabonês, Omar Bongo, anunciou a agência Agerpress.

Angola racistas destroem uma povoação

LUANDA — A aviação sul-africana efectuou uma agressão no sul de Angola destruindo povoação de Chamavera, na província de Kuando Kubango, fronteira com a Namíbia, revelou um comunicado assinado pelo ministro angolano da Defesa, coronel «Iko» Carreira, sem precisar a data, da agressão.

O texto, difundido na terça-feira em Luanda, afirma que fantoches da Unita participaram nesta agressão, que foi apoiada por helicópteros «Puma», acrescenta o comunicado que precisa que as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) «tiveram pequenas perdas». (FP)

José Araújo em Bachile

(Continuação da 1.ª página)

preenchido por um vasto programa de manifestações políticas e culturais. Além da principal cerimónia, destacavam-se as demonstrações práticas do método de trabalho aprendido pelos jovens, uma sessão cultural de danças e cantares folclóricos intercalados por recitações de poemas revolucionários, um almoço de confraternização e, à noite, uma sessão de cinema e projecção de «slides», seguida de um convívio musical.

O director do Centro de Extensão Rural de Bachile, Jorge de Oliveira, abriu a sessão com um breve historial do início das actividades do Centro, citou os resultados alcançados com a experiência acumulada, e falou do conceito filosófico e metodológico em que se baseia essa experiência-piloto de intervenção e integração comunitária no mundo rural, em todos os

Arabes isolam Sadat

O chefe do governo sionista, Begin, visitou o Cairo, e o presidente Anouar El-Sadat do Egipto vai a El-Arich (Sinai ocupado) em Maio. Consumou-se assim parte do acordo separado egipto-israelita promovido pelos Estados Unidos, com grandes vantagens para Israel, que passa a ser reconhecido por uma das maiores potências árabes, enquanto o regime de Sadat se encontra actualmente isolado no mundo árabe, na sequência das sanções políticas e económicas decretadas pela conferência ministerial de Bagdad.

A capital da Liga Árabe foi transferida do Cairo para Tunísia e a Jordânia rompeu todas as relações diplomáticas e políticas com o Egipto. Os embaixadores dos Emirados Árabes Unidos, do Koweit, do Qatar, do Bahrein, da Arábia Saudita, da Tunísia, do Marrocos já saíram do Cairo. Anteriormente, os países membros da «frente de firmeza» (Argélia, Yémen do Sul, Síria e Líbia), mais a OLP e o Iraque tinha cortado todas as

relações com o Egipto.

Anunciou-se que, no início de Maio, haverá em Rabat, capital do Marrocos, uma conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados membros da Organização da Conferência Islâmica, para discutir a situação criada no próximo-Oriente após a assinatura do tratado de paz separado Egipto-Israel. Propôs-se a exclusão do Egipto desta organização.

Os comentadores consideram que a perda da ajuda financeira árabe ao Egipto, que representa desde 1973, 17 bilhões de dólares, será um golpe duro para Sadat. Os Estados Unidos prometeram aumentar nos três próximos anos a ajuda económica ao Egipto.

Comentando as decisões de Bagdad, o ministro libanês dos Negócios Estrangeiros, Fouad Boutros, disse que estas mostraram que os Estados árabes estão em condições de se opor às consequências perigosas do tratado egipto-israelita.

Início dos trabalhos do seminário de Informação

Com uma sessão que se prolongou das 21 às 24 horas, tiveram início anteontem, numa das salas da sede do Partido, em Bissau, os trabalhos do segundo seminário de informação, organizado pelo Comissariado de Estado de Informação e Cultura, e cuja abertura solene tivera lugar no dia 28 de Março findo, como oportunamente noticiamos.

Em presença do camarada Mário de Andrade, titular da pasta de Informação e Cultura, dos responsáveis do «Nô Pintcha» e do RDN, António Soares Lopes e Francisco Barreto, e dos trabalhadores destes dois órgãos de informação, os jornalistas cooperantes José Luelmo e Luís Alberto Ferreira, fizeram uma introdução geral sobre o jornalismo nos seus aspectos técnicos, político e humano.

Uma nova etapa na vida da nossa informação, e em particular na vida do jornal «Nô

Pintcha» iniciou-se no dia 27 de Março findo, data do 4.º aniversário do nosso trissemanário nacional de informação. Em período anterior a esta data, mais concretamente de Janeiro, iniciou-se uma remodelação técnica do jornal, e a reestruturação do seu antigo sistema de trabalho. Uma redistribuição de tarefas e uma melhor definição das secções que compõem o corpo da Redacção, são alguns pontos que têm ocupado a atenção dos trabalhadores do «N.P.».

Para além de encontros desportivos, actividades culturais e um jantar de confraternização que teve lugar na noite do dia 27 de Março, o programa comemorativo do 4.º aniversário incluiu uma outra iniciativa, que foi a da abertura do presente seminário, o qual nos irá permitir dar novos passos na definição de uma política nacional de informação.

ção nacional. Usou também de palavra o camarada António Soares Lopes, que explicou, o programa e a importância do seminário.

Este seminário, que deve decorrer durante todo o mês de Abril, contará com a participação dos dois jornalistas portugueses que cooperam com a nossa Informação, e terá também como oradores convidados, os correspondentes das agências estrangeiras de informação acreditadas no nosso país. Está igualmente previsto que vários dirigentes do nosso Governo serão convidados a falar, no decorrer dos trabalhos, sobre a importância e o papel dos departamentos que dirigem.

Direito do mar

(Continuação das Centrais)

o processo de desenvolvimento desses países, mas também provocar um verdadeiro desastre económico aos países do «Terceiro Mundo». Estes ficariam sem mercado para as suas matérias primas e sem nenhuma possibilidade de desenvolverem as suas indústrias nacionais. Em consequência, a enorme distância entre os chamados países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento tornar-se-ia incomensurável por muitos séculos, sem contar com a fome, a doença e a miséria. Até mesmo uma nova dominação política voltaria a ameaçar a existência dos países em vias de desenvolvimento.

A sessão solene de abertura deste seminário teve lugar na sede do Partido, sob a presidência do camarada José Araújo, secretário executivo do CEL do Partido. Nessa sessão, escutou-se uma importante palestra proferida pelo camarada Mário de Andrade, que se debruçou sobre a história da nossa informação desde o tempo da luta armada de libertação nacional, os poucos anos de existência da nova informação no país, nomeadamente da Radiodifusão Nacional e do Jornal «Nô Pintcha», referenciando essa experiência com as de outros países do Terceiro Mundo, e particularmente do nosso continente.

O camarada José Araújo, por sua vez, teceu algumas considerações sobre o trabalho realizado pelos jornalistas do «Nô Pintcha» e sobre o importante papel que os mesmos desempenham na batalha pela formação do homem novo e pela reconstrução

dos agentes rurais na divulgação das resoluções do III Congresso, disse que realizar efectivamente os programas de Extensão Rural, já é uma forma de cumprir essas recomendações. «**Todo o cidadão deve ser um extensionista, no seu posto de serviço, ajudando outros a criarem a nova mentalidade do nosso desenvolvimento.**»

Expressou o seu reconhecimento, em nome do Partido, pela ajuda prestada ao nosso país pela Holanda, durante a guerra, e agora no projecto de Bachile e em vários outros sectores, preconizou a necessidade de saber utilizar essas ajudas.

O Secretário Executivo do CEL disse que as populações devem ser a razão principal do projecto de desenvolvimento, e reafirmou a nossa via de sermos «nós a pensar com as nossas cabeças e a andar com nossos próprios pés, pois de nada servem as leis e princípios impostos do exterior sem respeitar a realidade do país».

seis meses, ao lado de homens, o que evidencia a linha do Partido, de igualdade, do direito as mesmas oportunidades e à participação dos homens e mulheres na produção, o camarada Mário Cabral exortou os trabalhadores da Agricultura a terem, «cada vez mais, a sede do saber e de aprendizagem, para poderem ensinar àqueles que não sabem», como dizia Amílcar Cabral. «**Os camaradas que aqui estão devem servir como que de «charneiras», agentes de ligação entre o Comissariado e os camponeses.**» — sublinhou.

José Araújo foi mais longo na sua intervenção de análise do conceito de desenvolvimento sócio-económico e da reafirmação da política de prioridade ao desenvolvimento rural definida no III Congresso do PAIGC. Apoiou a ideia de unificação de projectos dos três sectores de intervenção comunitária e, referindo-se ao apelo do camarada Jorge de Oliveira em relação ao aproveitamento

Polisário libertou Tifariti

ARGEL 3 — A Frente Polisário anunciou na terça-feira que os combatentes saharais libertaram na semana passada a cidade de Tifariti, situada no sudeste da parte do Sahara Ocidental ocupado pelo Marrocos.

Segundo a Polisário, o Exército de Libertação Popular Saharai, que vinha atacando Tifariti há mais de um ano, «forçou as tropas marroquinas, que ali estavam bem entrenchadas, a abandonar as suas posições». (FP)

Presidente Luiz Cabral regressou da Europa

(Continuação da página 1)

o Presidente Luiz Cabral e a sua comitiva tiveram encontros não-oficiais com os respectivos governos e com os organismos não governamentais que apoiam o nosso país.

«**PROBLEMAS AFRICANOS DEVEM SER RESOLVIDOS PELOS PRÓPRIOS AFRICANOS**»

«Os problemas africanos devem ser resolvidos pelos próprios africanos, pelo diálogo dentro das instituições que regulamentam a acção dos Estados africanos» — disse

o camarada Presidente Luiz Cabral num almoço dado em sua honra no Palácio de Eliseu pelo Presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing. No almoço estiveram presentes os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, respectivamente Jean François Poncet e Robert Galley, e o antigo primeiro-ministro gaulista, Couve de Mourville.

No seu improviso, o presidente do Conselho de Estado destacaria o papel da França em África e a complementaridade Europa-África, e falou ainda das excelentes relações existentes entre a Guiné-Bissau e Portugal,

«que após duros anos de guerra, hoje marcham de mãos dadas na procura de uma vida melhor para os respectivos povos».

No seu discurso, o presidente francês salientaria que a França e o povo francês nutrem um sentimento de estima e simpatia, pela corajosa luta do nosso povo, na reconstrução nacional. O Chefe de Estado francês realçou ainda que, das relações entre a Guiné-Bissau e a França se explicam em grande parte pelo interesse comum demonstrado pelos dois governos em conceder prioridade absoluta à forma-

ção dos homens e ao desenvolvimento social e económico.

Nesta sua mais longa viagem, o camarada Presidente Luiz Cabral fez uma escala técnica na ida, nas ilhas das Canárias, e pernitoou em Lisboa, onde foi recebido pelo Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes. No encontro que tiveram, os dois presidentes falaram sobre a cooperação bilateral e a situação africana e internacional. No seu regresso ao país, escalou em Bamako, onde se encontrou com o Presidente maliense, Moussa Traore.

Epidemia de sarampo

(Continuação da 1.ª página)

manchas, a febre baixa e a criança entra na fase de recuperação, que é bastante lenta. Em certos casos, a evolução normal do sarampo é alterada pelo aparecimento de complicações pulmonares, dos ouvidos ou do estado geral de nutrição. São essas complicações que agravam extraordinariamente a doença e podem acarretar a morte, sobretudo as pulmonares e nutricionais que se verificam mais frequentemente nas crianças de menos de quatro anos.

A gravidade das epidemias do sarampo entre nós deve-se ao facto de atingir crianças com pouca resistência, sobretudo porque na idade de maior incidência (12 a 18 meses) a maioria das nossas crianças se encontra numa fase crítica do seu estado ge-

ral de nutrição. Um outro factor determinante é que as mães guardam os filhos em casa, cobrem-nos com panos e, às vezes, rolam-nos na areia, guardando-os fora de vistas. Segundo o dr. Boal, secretário-geral do CESAS, trata-se de um aspecto negativo, anti-medicinal, que agrava as consequências da epidemia. Isto porque, primeiro, é uma doença que provoca muita febre e muita falta de apetite, e os pais, em vez de tentarem dar de comer e de beber aos filhos, pelo contrário, impedem-nos de o fazer o que agrava ainda mais a evolução da doença.

Num dos próximos números, deremos mais pormenores sobre a epidemia e as medidas preventivas recomendadas pelo Comissariado de Saúde.